

RESUMO SIMPLES - APRESENTAÇÃO ORAL - GT1 - SAÚDE MENTAL NA  
UNIVERSIDADE

**QUANDO CUIDAR DA MENTE EXIGE OLHAR PARA A BOCA:  
PSICOFÁRMACOS, SAÚDE BUCAL E INTERDISCIPLINARIDADE NO  
AMBIENTE UNIVERSITÁRIO**

*Danielle Mayerhofer Barreto (danielledentist@yahoo.com.br)*

*Samantha Maia Koch Torres (samanthakocht@gmail.com)*

*Victor Mayerhofer Barreto Faria (victor.mayerhofer@gmail.com)*

*Valtair A. Miranda (valtairmiranda@gmail.com)*

O ambiente universitário pode ser marcado por cobranças acadêmicas, mudanças na rotina, inseguranças, alterações do sono e diferentes formas de sofrimento psíquico. Nesse contexto, estudantes podem necessitar de acompanhamento em saúde mental e, quando indicado, de tratamento farmacológico. Os psicofármacos constituem recursos terapêuticos fundamentais, porém alguns podem produzir repercussões na cavidade oral, como alterações da salivação, xerostomia, modificações do paladar e, em determinadas situações, comportamentos relacionados ao bruxismo. Apesar disso, a saúde bucal nem sempre é considerada no acompanhamento desses indivíduos, evidenciando a permanência de uma assistência ainda fragmentada.

Refletir sobre a necessidade de integrar a saúde bucal ao acompanhamento de universitários em tratamento com psicofármacos, destacando o papel da interdisciplinaridade, da prevenção e do cuidado centrado na pessoa.

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura sobre saúde mental, psicofármacos e suas possíveis repercussões na saúde bucal, considerando estudos nacionais e internacionais e a discussão acerca da assistência interdisciplinar no contexto universitário.

A literatura demonstra que diferentes classes de medicamentos utilizados no tratamento de condições de saúde mental podem apresentar efeitos adversos de interesse odontológico, particularmente aqueles relacionados à função salivar. Essas alterações podem repercutir no conforto, no autocuidado e na qualidade de vida. Entretanto, a discussão ultrapassa os efeitos farmacológicos: evidencia a necessidade de superar um modelo no qual cada profissional observa apenas a dimensão correspondente à sua especialidade. O profissional de saúde mental não precisa diagnosticar ou tratar alterações odontológicas, mas pode reconhecer a saúde bucal como parte do cuidado, orientar o paciente e favorecer o encaminhamento ao cirurgião-dentista. Da mesma forma, cabe à Odontologia conhecer as possíveis repercussões dos psicofármacos, acolher o paciente sem estigmatização e estabelecer diálogo com os demais profissionais envolvidos em seu tratamento.

O tratamento farmacológico pode ser indispensável para a recuperação e a qualidade de vida do universitário em sofrimento psíquico. Entretanto, cuidar da mente de forma integral também implica observar as possíveis repercussões desse tratamento sobre a saúde bucal. A inserção da Odontologia na rede de atenção em saúde mental favorece prevenção, identificação precoce de alterações e assistência mais humanizada. A interdisciplinaridade não deve começar quando surge uma complicação; deve começar junto com o cuidado.

Palavras-chave: saúde mental; psicofármacos; saúde bucal; universitários; interdisciplinaridade.